

## CAPÍTULO 5

# A PESQUISA EXPERIMENTAL NA ANÁLISE DE CONSTRUÇÕES COM VERBO SUPORTE

Jeane Nunes da Penha  
Pâmela Fagundes Travassos  
Ravena Beatriz de Sousa Teixeira  
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

### 5.1 INTRODUÇÃO

Por contribuir com a formação do conhecimento e desenvolvimento humano, a pesquisa vem cada vez mais ganhando espaço na sociedade. Na área da Letras/Linguística, há diversos tipos de pesquisas desenvolvidas/em desenvolvimento, como, por exemplo, a pesquisa observacional, a pesquisa experimental, a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo, a pesquisa de levantamento/censo etc. Neste capítulo, centralizamos o nosso foco no método de pesquisa experimental, caracterizado pela manipulação das variáveis ligadas ao objeto de estudo, cuja finalidade está relacionada à testagem das hipóteses do pesquisador/linguista via avaliação subjetiva *offline* (cf. KENEDY, 2014). Dito isso, a pesquisa de caráter experimental revela-se de suma importância para os pesquisadores, uma vez que, de modo geral, busca dar conta das

seguintes questões: (i) de que modo determinado fenômeno linguístico é realizado?; e (ii) por que determinado fenômeno linguístico é realizado?

A fim de orientar pesquisadores que, porventura, ainda desconhecem métodos de pesquisas experimentais e/ou que ainda não os tenham explorado, objetivamos apresentar as principais etapas envolvidas na elaboração e aplicação de pesquisas experimentais utilizadas na área da Letras/Linguística, com base em estudos desenvolvidos no âmbito do Projeto PREDICAR (Formação e expressão de predicados complexos e predicções: estabilidade, variação e mudança construcional) entre os anos de 2014 e 2017. Tais investigações culminaram em três trabalhos monográficos (TRAVASSOS, 2016; PENHA, 2018; TEIXEIRA, 2018) e um artigo científico (TRAVASSOS; MACHADO VIEIRA, 2020). Todos eles tinham por finalidade a análise do pareamento de *forma e função/significação* de predicadores complexos verbo-nominais com os verbos suportes<sup>1</sup> DAR e FAZER, oriundos de variadas fontes escritas e orais,<sup>2</sup> a partir de um padrão construcional mais esquemático do tipo [Verbo suporte *dar/fazer* + det.<sup>3</sup> + SN<sup>4</sup> <sub>(deverbal)-sufixo indicador de grau</sub> ] <sub>predicador complexo</sub>, como: *dar uma olhada, dar uma olhadinha, dar uma olhadela, fazer uma caminhada, fazer uma caminhadinha*.<sup>5</sup>

As investigações realizadas pelas autoras supracitadas deram-se mediante a elaboração e aplicação de testes de atitude e avaliação subjetiva (cf. FASOLD, 1987; GONZALEZ-MARQUEZ, 2006) do tipo *offline*, assim intitulado por “não envolver medidas de tempo, isto é, não demanda cronometragem, e por aferir comportamentos manifestados em momento reflexivo posterior ao processamento cognitivo da informação linguística” (KENEDY, 2014, p. 32). O intuito era documentar a percepção dos falantes brasileiros com relação aos usos licenciados pela construção mais esquemática com verbo suporte. Para tal, em cada uma das três investigações, foram elaborados dez modelos de formulários – questionários compostos por uma sequência de cerca de 8 a 10 enunciados-estímulo –, apresentados de forma impressa a cada informante.<sup>6</sup> Isso totalizou uma amostra de 300 materiais respondidos.

- 1 Categoria verbal que opera sobre um elemento nominal (deverbal ou não), formando com este uma unidade complexa predicante. Exemplos: *dar parabéns, fazer uma consideraçãozinha, levar um fora*.
- 2 Como fontes escritas, recorremos ao acervo do jornal online O Globo e às páginas digitais dos jornais Gazeta do Povo, Diário do Nordeste e Em tempo. Foi realizada também uma busca livre na ferramenta online Google, em que cada construção pensada foi pesquisada entre aspas. Com isso, o *corpus* conta com dados advindos de redes sociais, de sites de perguntas e de reclamação etc. Como fontes orais, utilizamos transcrições de entrevistas do Programa do Jô, do projeto Iboruna e do projeto Concordância.
- 3 “det.” faz referência ao determinante, como *um, uma, uns, umas*, por exemplo.
- 4 SN equivale ao sintagma nominal.
- 5 A título de ilustração, seguem dados retirados dos *corpora* utilizados para a elaboração dos testes: “O meu relógio já estava assim um pouquinho fora da moda e *dei uma olhadinha* na Joalheria Imperial”. [PB, Jornal online, [www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com)]; “Ironia à parte, Dilma deu a receita: “É fechar a boca e *fazer uma ginasticazinha, uma caminhadinha*”. [PB, Jornal online, <https://oglobo.globo.com>].
- 6 Os informantes tinham perfil diversificado: homens e mulheres, com ensino médio completo, ensino superior completo ou em curso ou estudantes da Pós-Graduação. De modo geral, a maior parte dos participantes era composta de estudantes de Letras da UFRJ que ainda não tinham cursado a disciplina Morfossintaxe. Dessa forma, provavelmente, não tinham tido, pois, um contato formal com o fenômeno sob análise; desse modo, as respostas eram mais intuitivas.

Este capítulo foi elaborado da seguinte forma: após esta parte introdutória, detalharemos o passo a passo pensado durante a preparação dos testes, a partir de questões como as que seguem: (i) Quais os cuidados a serem tomados pelo pesquisador, em termos de distratores linguísticos e extralinguísticos?; (ii) Como ocorre o processo de seleção dos dados?; e (iii) Qual a extensão ideal para os formulários (quantidade de enunciados-estímulos)? Depois, demonstraremos a análise dos resultados, ou seja, como devemos interpretar os resultados quantitativos e qualitativos. Na sequência, há uma seção sobre o uso de plataformas digitais na pesquisa experimental, na qual apresentamos algumas ferramentas que estão disponíveis para auxiliar o pesquisador em casos em que não é possível a aplicação dos testes de forma presencial, por exemplo. Recursos desse tipo podem ser de grande utilidade quando é necessário verificar a percepção de usuários de variedades em diferentes países do mundo, sem a possibilidade de uma pesquisa local. Por fim, exporemos nossas considerações finais, assim como as referências que embasaram este trabalho.

## 5.2 ELABORAÇÃO DE TESTES DE PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO SUBJETIVA: ETAPAS E CUIDADOS A SEREM TOMADOS

Para confeccionar um teste de atitudes, antes de mais nada, devemos definir os nossos **objetivos de pesquisa**. Souza Guerreiro (2021), por exemplo, teve como principal objetivo a verificação da percepção dos usuários da língua acerca de usos da construção com verbo suporte (V(ir) Prep.(para) Det.(artigo) SN) em variação, instanciações de, por exemplo, “*ir para o céu*”, “*ir para o inferno*”, “*ir para as cucuias*” e “*ir para o beleléu*”. Machado Vieira e Esteves (2009, p. 239) intentaram “mostrar a interferência de atitudes sistemáticas relacionadas às variantes verbais em estudo sobre o comportamento linguístico”, ao lidarem com alternância entre predicadores complexos e predicadores verbais simples (como em *dar parabéns* e *parabenizar*).

Penha e Teixeira (2015) e Penha (2016a, 2016b e 2017) expuseram, em comunicações, resultados de análises via método experimental, advindas de investigações cujo objetivo primordial era averiguar a percepção dos falantes brasileiros sobre usos da construção com verbo suporte (VS(DAR/FAZER) det.(uma) SN-(afixo de grau)), do tipo *dar uma caminhada*, *dar uma caminhadinha*, *fazer uma parada*, *fazer uma paradinha*. Essencialmente, esperava-se observar se os usos eram associados a: (i) uma leitura aspectual e/ou modal; (ii) oralidade e/ou escrita; (iii) registro formal e/ou informal da língua; e (iv) predicadores simples cognatos (*fazer uma perguntinha* = *perguntar*).

Teixeira (2016a, 2016b, 2017 e 2018), por sua vez, buscou mapear a configuração (formal e funcional) de estruturas com os verbos suportes DAR, FAZER e TER que atuam, em textos escritos e orais do português brasileiro, em conjunto a elementos nominais compostos pelos afixos de grau *-(z)inh(o/a)*, *-(a/i)da*, *-(a/i)dinha*, *-aço* e *-ão* (como *dar um carrinho*, *ter uma implicanciazinha*, *dar uma olhada*, *dar um pedaço*, *fazer um golzão*) a fim de compor um predicador complexo. Averiguaram-se, por meio de experimentos psicolinguísticos, tanto as condições semânticas, discursivas e

pragmáticas referentes aos empregos das distintas formas de predicação, como a possibilidade de predicadores associados a padrões construcionais diferentes (*olhar, dar uma olhada, dar uma olhadinha*) prestarem-se a apresentar um estado de coisas com algum grau de equivalência.

Travassos e Machado Vieira (2019), em uma investigação sobre variação construcional, objetivaram verificar se brasileiros percebem diferenças no polo funcional de predicadores complexos, assim como buscaram observar as motivações para as respostas selecionadas no questionário (opção por uma determinada construção e não outra). Travassos e Machado Vieira (2020) buscaram verificar quais valores usuários do Português do Brasil associam a usos de perífrases verbo-nominais com o verbo suporte DAR.

Utilizaremos o trabalho desenvolvido nesses estudos (PENHA e TEIXEIRA, 2015; PENHA, 2016a, 2016b, 2017; TEIXEIRA, 2016a, 2016b, 2017, 2018; TRAVASSOS; TRAVASSOS; MACHADO VIEIRA, 2019; MACHADO VIEIRA, 2020) como base para fazer considerações sobre importantes aspectos na organização de uma pesquisa experimental.

Se, por exemplo, queremos contrapor as impressões de que construções com verbo suporte DAR ocorrem somente em gêneros textuais cujo registro está mais voltado ao polo informal, assim como somente estão presentes na modalidade oral da língua, é importante buscarmos dados que estejam materializados em gêneros textuais mais próximos do polo formal. De mesmo modo, é interessante encontrarmos dados escritos do fenômeno, a fim de contra-argumentar, a partir de evidências, as intuições preliminarmente estabelecidas. Uma possibilidade seria a análise de dados provenientes de textos escritos do domínio jornalístico, tal como o jornal *O Globo*, por exemplo (cf. TRAVASSOS, 2019). Textos disponíveis nesse ambiente comunicativo costumam passar por revisão linguística, recebendo atenção de diversos profissionais da área, atentos à forma de expressão. Desse modo, o grau de monitoramento linguístico é maior nesse domínio discursivo.

Tendo os objetivos em mente, passamos a selecionar o **design de pesquisa experimental** capaz de fornecer evidências às hipóteses. É importante pensarmos, entre outras questões, nas sentenças-estímulo, na técnica a ser utilizada e no tipo de teste. Os dados coletados via análise de usos podem servir como estímulos em tarefas de pesquisa experimental. Há diversas técnicas para lidar com o problema da avaliação subjetiva (questionários com respostas de sim/não, de avaliação metalinguística, de escalonamento/escala Likert;<sup>7</sup> leitura; reação subjetiva, por exemplo) e detectar os

7 Segundo Rodrigues, Assmar e Jablonski (2015, p. 272 e 273), “sendo de simples confecção e aplicação e possuindo boa correlação com outras escalas e critérios de medida de atitudes, a Escala Likert é uma das mais usadas para a mensuração das atitudes. Consiste em uma série de afirmações (em geral entre 20 e 30) relativas a um objeto atitudinal (por exemplo, divórcio, censura, aborto, eutanásia etc.), mais ou menos metade das quais sendo favoráveis ao objeto atitudinal, e a outra metade, desfavorável. A conveniência de dividir o número de afirmações favoráveis e desfavoráveis em duas metades decorre da necessidade de serem evitadas certas tendenciosidades individuais como, por exemplo, a de concordar mais do que discordar. Cada afirmação é seguida de cinco alternativas: concordo plenamente, concordo em parte, não estou seguro, discordo em parte, e discordo totalmente. A cada uma dessas

significados sócio-culturais-discursivos das variantes e suas correlações a certas variáveis/contextos.

No estudo de Travassos e Machado Vieira (2019), a **técnica** foi a de questionário (online) via *Google Forms*, com diferentes configurações de resposta. O teste foi feito não só no modelo fechado (com questões de múltipla-escolha), mas também no modelo aberto (com possibilidade de curtas respostas discursivas, metalinguísticas). Desse modo, é possível ter acesso também aos comentários livres dos informantes, por meio dos quais eles manifestam o que lhes ocorreu ao responderem a cada estímulo. Além disso, as autoras também utilizaram a técnica de preenchimento de lacunas. O teste de reação subjetiva possibilitou observar juízos de valor emitidos pelos participantes acerca das variantes, às correlações socioculturais ou sociodiscursivas que têm em mente.

Um outro aspecto relevante é se o **tempo de reação** aos estímulos será contabilizado (método online) ou não (método *offline*). Essa medida pode ser importante: se for online, podemos ter acesso a indícios do nível de dificuldade de acesso aos elementos da construção acionados no momento de seu reconhecimento cognitivo; por outro lado, se for *offline*, consideramos a potencialidade de haver um processo de reflexão sobre as escolhas feitas pelos informantes. Assim, a seleção de uma técnica em detrimento de outra associa-se aos objetivos investigativos delimitados previamente pelo pesquisador. Nos estudos de base aqui mencionados, o tempo de resposta não foi levado em consideração, de modo que os participantes eram livres para usar o tempo que achassem necessário na resposta ao questionário.

Por meio de registros obtidos via tarefas experimentais, também podemos alcançar, empiricamente, padrões de configuração de *personas*/identidades delineadas discursivamente. Tais definições são, antes de mais nada, elaboradas coletivamente numa espécie de negociação sempre ativa na relação entre indivíduos e destes com construtos histórico-sócio-culturais mais amplos e expectativas de comportamento presentes nas comunidades de que são parte, de que querem fazer parte ou a que querem ter sua imagem associada.

A título de ilustração, a seguir, apresentamos um exemplo do resultado da resposta dos informantes a uma sentença-estímulo de um teste realizado por Travassos e Machado Vieira (2020, p. 14). O objetivo desse teste era verificar qual opção entre as alternativas seria considerada como a mais adequada ao contexto. Além disso, tencionava-se também observar a percepção, a avaliação e a opinião dos informantes sobre a opção feita e/ou sobre as outras alternativas no que diz respeito à intenção comunicativa em jogo.

---

alternativas são atribuídos valores numéricos de 1 a 5, cabendo ao confeccionador da escala determinar em que direção (positiva ou negativa) ele vai atribuir os valores mais altos”.

Figura 01: Resultado da análise de informantes a sentença-estímulo de um teste de atitude.

9) (Situação: *Governador* dá satisfação à população da utilização da verba pública.)  
É uma verba que servirá para retirar os andaimes e escoras, \_\_\_\_\_ e fazer  
pequenos arranjos. (teste 10)

Quadro 10: Respostas de dez informantes para a situação 9 do teste 10 e justificativas

(a) Dar uma pintadinha	1
(b) Uma pintadela dar	0
(c) Dar uma pintadinha	1
(d) Uma pintada dar	1
(e) Dar uma pintadela	1
(f) Uma pintadinha dar	0
(g) Pintar	7
<b>Justificativas de informantes para a marcação da opção (g):</b>	
1) Mais culta, em se tratando de uma figura política	
2) Se explicar com a população	
3) Passar de modo simples a informação	
4) Ser formal	

Fonte: Travassos e Machado Vieira (2020, p. 14).

A opção pelo predicador simples *pintar* foi a preferida. A partir das respostas metalinguísticas dos informantes, percebemos que essa opção se deve ao fato de haver uma autoridade pública envolvida na situação, como locutor da mensagem e, portanto, a expectativa de um maior grau de formalidade, bem como a associação da forma verbal simples, no senso comum, por vezes, a uma norma culta da língua, diferentemente de usos de predicadores complexos. Por outro lado, houve participante que apontou para o público-alvo da mensagem: tendo em vista que a informação é voltada à população, partiu da expectativa de que os recursos linguísticos usados devem ser de fácil acesso; portanto, a forma simples seria preferida nesse caso por esse motivo.

Ainda, dois pontos que merecem destaque e atenção no processo de confecção e realização de uma pesquisa experimental são os **distratores** e os **informantes**. Em uma pesquisa linguística, geralmente, buscamos obter um uso mais próximo possível do real. Dessa forma, não queremos que os participantes da pesquisa saibam qual fenômeno está sendo observado, de modo que sua atitude não se revele artificialmente. Por isso, recorremos a distratores, que consistem em elementos linguísticos ou não linguísticos que cumprem justamente a função de distrair o informante do objeto de análise principal. Os distratores linguísticos podem ser formados, por exemplo, por sentenças, cujo foco recaia sobre outros fenômenos linguísticos, de natureza diversa (fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, discursiva, pragmática). Já os distratores não linguísticos podem ser tanto objetos presentes no ambiente de resposta ao teste, como sensações físicas do respondente (fome ou estresse, por exemplo), quanto a influência de outras pessoas.

A quantidade ideal de distratores tem relação direta com a natureza do fenômeno em foco. Por vezes, a análise de um fenômeno morfossintático, como o predicador complexo, requer que o contexto esteja expresso na forma de sentença ou até mesmo parágrafo para que sua interpretação seja feita de forma adequada. Sendo assim, selecionar uma quantidade muito grande de distratores, assim como de sentenças-estímulo alvo da investigação, pode tornar o teste extremamente cansativo para o informante; dessa forma, a sua atenção pode ser comprometida. Nesse ponto, é necessário

bom senso do pesquisador, cabendo a ele a decisão pela melhor quantidade de distrações, em função de cada pesquisa e de cada objeto de estudo.

De igual modo, é importante verificar com antecedência o perfil dos informantes, por exemplo, os estudantes da área de Letras (principalmente, os que já tenham cursado a disciplina de Morfossintaxe). Esses costumam ter consciência e domínio dos fenômenos linguísticos, por apresentar um olhar já treinado; assim, geralmente, são excluídos dos testes de percepção e atitude subjetiva, uma vez que esses testes buscam respostas espontâneas, naturais e sem acesso à consciência do que está em foco. Sendo assim, de modo geral, selecionamos pessoas de outras áreas do conhecimento para responder à pesquisa – ou, ainda, estudantes da área de Letras que ainda não tenham cursado Morfossintaxe.

Por fim, ressaltamos um último ponto: o consentimento livre e esclarecido para a realização da testagem, bem como a autorização de uso dos testes na análise linguística. Por lidarmos com seres humanos, ainda que a pesquisa não traga nenhum tipo de prejuízo à pessoa, é imprescindível termos a autorização dos participantes quanto ao uso das respostas disponibilizadas no teste. Isso pode ser feito antes ou ao final do teste. E, ainda, caso o respondente deseje, ele pode ter acesso, posteriormente, aos resultados da pesquisa.

### 5.3 ANÁLISE CRÍTICA DOS RESULTADOS

Para efeito da análise dos dados obtidos por meio de metodologia experimental, é necessário, em conformidade às questões levantadas na seção anterior, considerar a natureza do tipo/*design* dos experimentos confeccionados e os objetivos por trás de sua configuração. Ao tratarmos de materiais elaborados no âmbito do Projeto Predicar, discorreremos sobre “testes” psicolinguísticos de percepção/avaliação subjetiva, cujos conjuntos de respostas oferecidas pelos participantes são avaliados quantitativa e qualitativamente, respeitando as delimitações da técnica experimental em voga. Considerando que os testes constituem ferramentas voltadas para a averiguação de hipóteses referentes ao conhecimento/comportamento do falante/ouvinte em relação a sua língua, é necessário atentar-se aos questionamentos que se pretende responder por meio da análise, os quais norteiam os objetivos centrais por trás do desenho experimental.

A seguir, observamos um exemplo, de mesmo *design* do considerado no quadro 1, de um dos modelos de teste realizados por Teixeira (2017), para o qual o objetivo central era observar o grau de comparabilidade entre predicadores simples e predicadores complexos com verbo suporte e/ou entre estruturas complexas derivadas de padrões construcionais distintos, assim como mapear a funcionalidade dos predicadores em jogo.

Figura 2: Exemplo de enunciado-estímulo exposto em experimento.

**Que expressões cabem nas lacunas abaixo?**

1) Obrigado ao ministro Sérgio Amaral. Eu acho que é sempre refrescante a gente ter noção sobre o *timing* disso, mas eu pediria ao ministro Sérgio Amaral, por exemplo, que olhasse ao sul do Brasil, e olhasse para a Argentina, e verificasse se ele não gostaria de talvez seguir a velocidade portenha, que talvez seja um pouco maior do que a velocidade inglesa, e que certamente é muito maior do que a velocidade brasileira, a portenha. Pediria que ele \_\_\_\_\_ por cima da cordilheira dos Andes e desse uma mirada no Chile, e verificasse como o Chile conduziu velozmente o seu programa de privatização.

a) ( ) olhasse      b) ( ) desse uma olhada      c) ( ) desse uma olhadinha      d) ( ) desse uma olhadazinha

**Justificativa:**

Se tiver marcado mais de uma alternativa de resposta, indique, apenas com as letras correspondentes às opções, o quanto as expressões marcadas são parecidas entre si.

+ Muitíssima parecida(s)	+ mais parecida(s)	± parecida(s)	- pouco parecida(s)	- Nada parecida(s)

Fonte: Teste aplicado por Teixeira (2017).

Em tal modelo, apresentaram-se, em um formulário impresso, enunciados-estímulos compostos por uma lacuna, em que, no enunciado original, havia um predicador (complexo ou simples). A partir disso, solicitou-se aos participantes que a preenchessem, segundo sua preferência, com uma ou mais das opções ofertadas. Caso o participante selecionasse mais de uma opção, era necessário indicar, em um quadro, o grau de comparabilidade entre as formas marcadas, além de justificar, se possível, a resposta. Dessa forma, temos quatro informações a considerar a fim de apreendermos os dados adquiridos: (i) as opções marcadas em cada um dos enunciados-estímulos apresentados; (ii) o grau de comparabilidade, definido pelos informantes, entre os distintos predicadores expostos como opção em cada um dos enunciados-estímulo; (iii) o perfil dos participantes;<sup>8</sup> e (iv) as justificativas por estes declaradas.

8 Em primeira instância, devido a limitações enfrentadas em seu contexto de aplicação, não houve um controle rígido do perfil dos participantes, em relação a seu sexo, faixa etária, nível de escolaridade e região de residência. As informações foram solicitadas e atendidas pelos informantes, entretanto, não há uma uniformidade entre os perfis, fator necessário para correlacionar, coerentemente, as variáveis extralinguísticas relativas ao perfil dos respondentes aos padrões de uso detectados nos experimentos. Entretanto, para fins didáticos, tais informações constam em nossa análise.



Entretanto, apenas angariar tais informações não equivale a efetuar, de fato, a análise. Os testes buscam captar indícios da atuação de variáveis (fatores de ordem diversa) no processo de uso da língua. Assim, cada uma das informações supracitadas deve passar por uma meticulosa avaliação qualitativa, respaldada em diretrizes teórico-metodológicas correspondentes à base teórica na qual o estudo se baseia.

A princípio, no processo de análise, é necessário considerar cada enunciado-estímulo e seus respectivos resultados/dados individualmente. Cada contexto de uso do objeto sob observação apresenta suas características individuais. Logo, a análise somente é viável se cada um dos resultados for tratado individualmente. A seguir, observa-se uma matriz com as respostas de dez informantes acerca do exemplo exposto na Figura 2.

**Quadro 1:** Perfil dos informantes e suas respostas referentes a sentença-estímulo.

Informante	Idade (anos)	Nível de escolaridade	Cidade	Gênero	Opção(ões) selecionadas	Grau de similaridade
1	20	Superior incompleto	RJ	Feminino	desse uma olhada	
2	22	Superior incompleto	RJ	Não binário	desse uma olhada, desse uma olhadinha	Muitíssimo parecidas
3	20	Superior incompleto	RJ	Feminino	olhasse	
4	49	Superior incompleto	RJ	Masculino	olhasse	
5	20	Superior incompleto	RJ	Masculino	olhasse, desse uma olhada	Mais parecidas
6	21	Superior completo	RJ	Feminino	olhasse	
7	19	Médio completo	RJ	Feminino	olhasse	
8	35	Superior incompleto	São Gonçalo	Feminino	olhasse	
9	24	Superior incompleto	RJ	Feminino	olhasse, desse uma olhada	Pouco parecidas

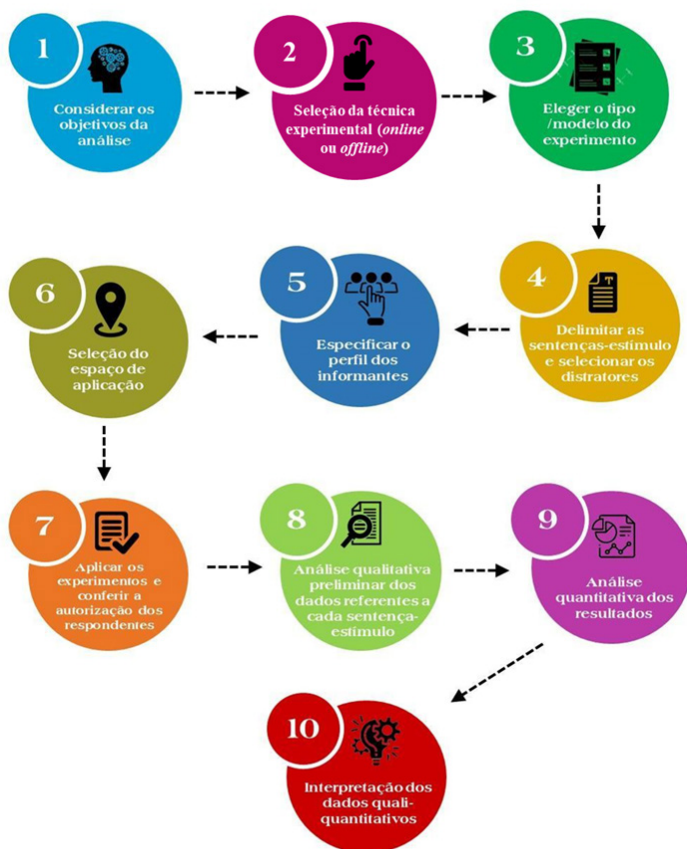
Fonte: Autoral.

Segundo a matriz apresentada, há uma preferência dos participantes da pesquisa pela seleção do predicador simples “olhasse” em detrimento às demais estruturas, o que vai de encontro à configuração original do fragmento textual utilizado como estímulo. Entretanto, as estruturas “desse uma olhada” e “desse uma olhadinha” também foram selecionadas, por mais que com uma frequência inferior. Tal fato indica que, de acordo a determinados contextos e interpretações, predicadores com verbos suportes, oriundos de distintos padrões esquemáticos, podem ser acionados a fim de pregar um estado de coisas com um certo grau de equivalência à predicadores sim-

ples, visto que as perífrases previamente mencionadas foram selecionadas em prol do preenchimento de um *slot* verbal anteriormente composto por uma unidade verbal simples. Além disso, vê-se delimitado um grau de similaridade entre (i) o predicador simples “olhasse” e o predicador complexo com verbo suporte composto pelo afixo *-ada* e (ii) este e o predicador composto pelo afixo *-inha*, diferenciando-se, em ambos os casos, em relação ao grau de semelhança/associação entre as estruturas. Observamos, pois, que apenas os dados referentes a um enunciado tornam possível tecer considerações relevantes sobre a relação de alternância/similaridade entre distintos padrões de predicadores.

Para se obter uma melhor visualização dessas relações e resultados quantitativos que figuram como amostras da realidade gramatical da língua, é necessário, em seguida, considerar as respostas de cada estímulo de forma conjunta. Assim, tratar da análise quantitativa e sua avaliação qualitativa a fim de chegar aos resultados finais, partindo de pequenas porções dos experimentos até podermos angariar uma visão panorâmica dos resultados. Portanto, a seguir, apresentamos os passos realizados ao se tratar da configuração e interpretação dos experimentos psicolinguísticos em pauta.

**Figura 3:** Etapas relativas à produção, aplicação e análise dos experimentos.



## 5.4 PESQUISA EXPERIMENTAL EM PLATAFORMAS DIGITAIS

A depender das questões da pesquisa, pode ser importante, por exemplo, comparar diferentes variedades de uma língua, cujos nichos se encontram em diferentes países, como algumas variedades do português: brasileiro, europeu, moçambicano, angolano, entre outros. Nesse ponto, surgem diversas dificuldades não só físicas e geográficas, mas também logísticas e culturais para o desenvolvimento da pesquisa experimental. Uma vez que nem sempre é possível ao pesquisador ir diretamente ao local para aplicar os testes, uma solução viável seria através de plataformas disponibilizadas no meio digital. Por meio de ferramentas como o *Google Forms*<sup>9</sup> e o *Online-Pesquisa*<sup>10</sup>, por exemplo, conseguimos realizar a pesquisa mesmo a longas distâncias.

O *Google Forms*, aplicativo criado pelo Google, pode ser usado tanto para fins investigativos quanto para registro:

Figura 4: Formulário via *Google forms*.

The image shows a Google Form titled "Open Letter Maker". The form has a purple header bar. Below the title, there is a description: "All of the submissions to this form will be appended into a table as signatures in the style of an open letter." Below this, there is a red asterisk and the word "Required". The form contains three text input fields, each with a red asterisk and the word "Required" next to the label. The first field is labeled "Full Name" and has a subtext: "Any text provided here will be used to create a digital signature, including honorifics or degrees". The second field is labeled "Department" and the third is labeled "Position". Each field has a placeholder text "Your answer" and a horizontal line for input. At the bottom of the form, there is a purple "Submit" button.

Fonte: Google imagens.

9 O Google Forms pode ser acessado por meio do link [<https://docs.google.com/forms/u/0/?tgif=d>] (acesso em: 10 ago. 2021).

10 O OnlinePesquisa pode ser acessado por meio do link [<https://www.onlinepesquisa.com/>] (acesso em: 10 ago. 2021).

Criar, editar e formatar formulários a partir da ferramenta não requer muita complexidade; além disso, encontramos facilmente um breve guia de ajuda fornecido pelo próprio Google através do *link* [<https://support.google.com/docs/answer/6281888?hl=pt-BR&co=GENIE.Platform%3DDesktop>] (acesso em 17 jan. 2022).

O *OnlinePesquisa*, assim como o *Google Forms*, é uma plataforma que possibilita a criação de formulários:

Figura 5: Criação de formulário via *OnlinePesquisa*.



Fonte: Site *OnlinePesquisa*.

No referido site, encontramos um pacote gratuito para estudantes (*basic*), com um mês de duração, e diferentes pacotes pagos (*personal*, *pro*, *business* e *enterprise*). O que os diferencia? Além do valor, a limitação ou não de perguntas e respostas permitidas por cada pacote, assim como a quantidade de contas de usuários possíveis dentro do pacote.

Para encerrar esta breve seção, ressaltamos que recorrer à utilização de formulários digitais é particularmente importante em um contexto de urgência sanitária, como o que vivemos durante a pandemia de Covid-19, na medida que há restrições de deslocamento e de contato físico.

## 5.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, neste texto, apresentar um passo a passo na elaboração dos testes de percepção e avaliação subjetiva com ênfase nos cuidados a serem tomados em sua confecção. Os fatores a que os pesquisadores que pretendem adotar a metodologia

experimental devem atentar podem ir além dos aqui propostos. Não tivemos a pretensão de apresentar uma lista exaustiva dos aspectos a serem considerados. Ilustramos apenas alguns elementos que julgamos essenciais na operacionalização dos testes. Além disso, também ressaltamos informações acerca da interpretação de resultados quantitativos e qualitativos e abordamos a pesquisa experimental em plataformas digitais, como o *OnlinePesquisa* e o *Google Forms*, ressaltando a sua importância, principalmente, quando há limitações físicas e geográficas, tal como o contexto pandêmico que vivemos atualmente.

A fim de ilustrar os procedimentos relacionados à produção dos testes, baseamos-nos em estudos sobre a variação entre construções com verbo suporte (TRAVASSOS, 2016; PENHA, 2018; TEIXEIRA, 2018; TRAVASSOS; MACHADO VIEIRA, 2020). Usuários da língua podem associar as variantes a contextos de uso semelhantes, daí a importância do estudo experimental para captar a percepção mediada pela avaliação subjetiva e atitude dos participantes dos testes com relação às perífrases verbo-nominais. Os estudos em questão apresentaram evidências em prol da alternância como uma possibilidade linguística percebida pelos falantes. Investigações outras que possuam objetos de estudo diversos podem repensar o *design* dos testes em função das questões, objetivos e hipóteses de pesquisa.

Outro caminho possível, na linha de revisão do que foi empreendido até agora, é a possibilidade de se recorrer a testes de avaliação subjetiva, os quais contemplem a observação de manifestações/registros de linguagem não verbal, haja vista o fato de a conceptualização do mundo envolver vários canais/modos de expressão (multimodalidade), entre os quais os linguísticos.

## REFERÊNCIAS

- FASOLD, R. *The Sociolinguistics of Society*. Vol. I. New York, USA: B. Blackwell, 1987. p. 147-179.
- GONZALEZ-MARQUEZ, M. et al. *Methods in Cognitive Linguistics*. Amsterdam, John Benjamins, 2006.
- KENEDY, E. Nos meandros da experimentação. In: ABRAÇADO, J.; KENEDY, Eduardo (orgs.). *Transitividade traço a traço*. Niterói: Editora da UFF, 2014. p. 29-37.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S.; ESTEVES, G. A. T. Metodologia de avaliação subjetiva de usos linguísticos em variação. In: LOPES, C.; REICH, 112 *Uma história de investigações sobre a Língua Portuguesa Uli*. Romania. Variação linguística em megalópoles latino-americanas, 39, p. 237-266, 2009.
- PENHA, J. N.; TEIXEIRA, R. B. S. *O funcionamento de alguns predicadores com verbo suporte FAZER*. XXXVII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural da UFRJ, 2015 (Comunicação).
- PENHA, J. N. *Fazer uma investigaçãozinha/pesquisinha/perguntinha: como funciona?*

- XXI Seminário Nacional e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso e Gramática, Faculdade de Letras da UFRJ, 2016a (Painel).
- PENHA, J. N. “*Dar uma conferidinha*” e “*Fazer uma modificaçãozinha*”: perífrases com verbo suporte no português brasileiro. 7ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, 2016b (Comunicação).
- PENHA, J. N. *Predicadores com verbo suporte: vamos “dar uma examinada” em dados e “fazer uma resuminho” dos resultados?* 8ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, 2017 (Comunicação).
- PENHA, J. N. *O uso de predicadores complexos com os verbos suportes DAR e FAZER na modalização do discurso*. Monografia de fim de curso. Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2018, 46p.
- RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. *Psicologia Social*. Petrópolis, RJ, 32. ed: Vozes, 2015.
- SOUZA GUERREIRO, S. C. G. Estudo experimental das construções com verbo-suporte (“ir para o céu”, “ir para o inferno”, “ir para as cucuias”, “ir para o beleléu”). *e-escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis*, v.12, Número 1, janeiro-junho, 2021.
- TEIXEIRA, R. B. S. *Construções com verbo suporte e verbos plenos cognatos: convivem, fazem competição ou dão uma mudadinha?* 7ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, 2016a (Comunicação).
- TEIXEIRA, R. B. S. *FAZER UMA CONSIDERAÇÃOZINHA/CONSIDERAR: como operam no PB?* XXI Seminário Nacional e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso e Gramática, Faculdade de Letras da UFRJ, 2016b (Painel).
- TEIXEIRA, R. B. S. *Predicadores complexos com verbo-suporte: dando uma olhadinha nos padrões construcionais em jogo*. 8ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, 2017 (Comunicação).
- TEIXEIRA, R. B. S. *Construções com verbo suporte: mapeamento de predicadores compostos por afixos de grau*. Monografia de fim de curso. Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2018, 60p.
- TRAVASSOS, P. F. *Construções com verbo-suporte DAR: indicação de aspecto e/ou outro valor?* Monografia de fim de curso. Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2016, 101p.
- TRAVASSOS, P. F.; MACHADO VIEIRA, M. S. Uma análise construcionista da variação entre construções com verbo-suporte DAR no PB. *REVISTA SOLETRAS*, v. 1, p. 272-298, 2019.
- TRAVASSOS, P. F.; MACHADO VIEIRA, M. S. O que brasileiros dizem acerca de usos de construções com verbo suporte? *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 14, n. 27, p. 198-217, 2020.